

ISSN: 2176-5960

PROMETEUS FILOSOFIA

maio - agosto de 2017

número 23

ISSN: 2176-5960

NOTA DE PESQUISA: AS MÁSCARAS DE PLATÃO E FERNANDO PESSOA

Rodolfo Lopes
Doutor em Filosofia
Professor da UnB
Membro da Cátedra UNESCO Archai/PPGφ

A proposta de pesquisa brevemente esboçada nesta nota nasceu de um modo tão insólito quanto talvez seja o seu principal objetivo. Durante uma aula que ministrei na ANPOF de 2016 (inserida no *Minicurso Platão e Platonismo*, em que tive o prazer de colaborar com os colegas e amigos Gabriele Cornelli e Renato Matoso) sobre algumas dificuldades metodológicas resultantes do singular registo em que Platão codificou a sua filosofia, e particularmente a propósito da galeria de personagens que lhe vão dando voz(es), surgiu-me a seguinte hipótese: poderá a heteronímia de Fernando Pessoa contribuir, de algum modo, para reconstituir uma 'teoria da personagem' (implícita) em Platão? A questão era, na melhor das hipóteses, acessória, tendo em conta o escopo daquela aula; mas o relativo entusiasmo com que tal proposta foi recebida pelos presentes despertou-me curiosidade mais que suficiente para pesquisar melhor o assunto. Agradeço especialmente ao colega e amigo Aldo Dinucci pelo genuíno interesse, o qual motivou a escrita destas breves e ainda exploratórias páginas.

Convém notar que a leitura cruzada entre estes dois pensadores é um território praticamente inexplorado em contexto académico. Ao longo da vastíssima produção pessoana (tendo apenas em conta a obra publicada, mas supondo que nas famosas 'arcas' jaza ainda mais material textual), as referências, alusões e comentários ao universo platónico são admiravelmente numerosos. Deixo desde já registado um dos mais paradigmáticos: "Plato's

arguments for the reality of ideas are but a reiteration (as regards the *argument*) of Parmenides great argument.”¹

Em todo o caso, a minha proposta de pesquisa não se dirige ao modo como Pessoa interpretou (ou poderia ter interpretado) os *Diálogos*. Na verdade, ela até dispensaria o facto de Pessoa ter lido ou não Platão, na medida em que apenas pretende aferir de que modo podemos (e se podemos de todo) relacionar a 'teoria heteronímica' explicitamente formulada por Pessoa e uma 'teoria da personagem' implícita nos *Diálogos*. Até onde me foi possível saber, esta questão ainda não foi tratada nem do lado dos estudos platonistas nem do dos pessoanos. Como não é minha intenção vincular a pesquisa a nenhuma destas duas frentes académicas (que, infelizmente, nunca dialogaram), o material bibliográfico principal (ou, pelo menos, inicial) para a pesquisa terá, pois, que incluir trabalhos de ambas.

No caso dos estudos platonistas, em que, pelo menos na modernidade, a análise literária das personagens dos *Diálogos* é um aspecto muito pouco estudado, as principais referências serão o monumental (e já clássico) *The People of Plato* de Debra Nails (Hackett, Indianapolis/Cambridge, 2002) e a novíssima colectânea *Plato's Styles and Characters* editada por Gabriele Cornelli (De Gruyter, Berlin/Boston, 2016), especialmente a secção *Plato's Characters* (pp. 281-400). Quanto à bibliografia dos estudos pessoanos, terei como ponto de partida o recente e volumoso *Teoria da Heteronímia* organizado por Fernando Cabral Martins e Richard Zenith (Assírio & Alvim, Porto, 2012), o qual consiste na edição e colecção dos textos em que Pessoa problematiza a questão da heteronímia.

O conceito-chave que norteará a pesquisa será, obviamente, o de *personagem*, posto que representa o ponto de convergência que permite aproximar deste modo os universos literários de Platão e Pessoa. Mas ao invés de me limitar às mais modernas tendências da crítica sobre tal conceito, proponho inspeccionar o conceito nas suas origens semânticas, que, como espero demonstrar, se revelam bem mais frutíferas do que a sua simplificação técnica pelos estudos literários modernos.

Etimologicamente, a palavra 'personagem' deriva do vocábulo latino *persona*, que, em seu uso técnico nas artes dramáticas, designa a máscara que os actores usavam em palco (e.g. Marcial 3.43: *personam capiti detrahere*; Juvenal 3.175: *personae pallentis hiatum formidat infans*). Talvez por derivação metonímica, ela passará também a designar o *papel* ou a *personagem* que um determinado actor desempenha durante o drama (e.g. Terêncio, *Eunuco*,

¹ O texto data de 1906. Utilizei a versão publicada em Coelho, A. P. (1968), *Fernando Pessoa. Textos Filosóficos. Vol. I*, Lisboa, re-imp. 1993, p. 95.

prol. 26: *parasiti persona*). Mais longe ainda do seu uso técnico (ou mais perto, se aceitarmos uma cosmovisão literalmente *dramática*), *persona* pode referir-se ao *papel* que um determinado indivíduo desempenha no mundo ou mesmo, em sentido ético, ao seu *caráter*; um uso muito caro a Cícero (e.g. *Epístolas a Ático*, 8.11: *ut mea persona semper aliquid videretur habere popolare*), cuja centralidade no processo de formação da cultura ocidental (incluindo, obviamente, os seus pilares semânticos) provavelmente explicará a tradução (no sentido mais amplo do termo) de *persona* em *pessoa*.

Se extrapolarmos esta breve história do vocábulo às suas implicações conceptuais, chegamos então ao âmago da nossa proposta de pesquisa, a qual assenta numa transitividade circular entre máscara <-> personagem <-> pessoa. O desafio é pensar as personagens de Platão como máscaras acumuladas no rosto do seu criador que, ao mesmo tempo que lhe garantem a tão esforçada anonimidade, lhe permitem também criar um drama constituído por uma pluralidade de máscaras, que, por conseguinte, resultam numa pluralidade de sujeitos filosóficos (isto é, de pessoas). O círculo fecha-se mediante a concepção platónica do diálogo como imitação do mundo (uma ideia muito bem desenvolvida, por exemplo, no final do *Fedro*), isto é, o drama onde a multiplicidade dos sujeitos se representa por meio da pluralidade de personagens portadoras de máscaras, atrás das quais se esconde o seu autor.

Esta lógica pode aplicar-se tanto ao elenco de personagens platónicas, quanto ao universo dos heterónimos pessoanos. Em ambos os casos, o criador (enquanto *poietes*) esconde o seu rosto autoral por trás de uma coleção de máscaras que, por intermédio das personagens resultantes, originará uma multiplicidade de sujeitos, cada um dos quais com uma cosmovisão própria. Ora, a grande diferença (ou, pelo menos, uma bem evidente) entre ambos é que Pessoa deixou vários escritos em que explicitamente aborda e desenvolve a questão da (sua) heteronímia; enquanto que Platão, como é sabido, não deixou registada qualquer reflexão metaliterária sobre o estatuto das suas personagens. A minha hipótese de trabalho é, pois, projectar sobre as personagens de Platão a proposta heteronímica pessoana e, com isso, propor uma teoria da personagem (ainda que implícita) nos *Diálogos*.

É claro que a explicação exaustiva da heteronímia requereria uma longa e aturada investigação. Não é esse o meu objetivo. Pretendo apenas focar um aspecto em particular, que, a meu ver, se afigura sobejamente relevante para o caso platónico: o facto de a multiplicidade de máscaras/personagens deixar soterrado o rosto original onde elas foram colocadas; ou, por outras palavras, o facto de tal multiplicidade de vozes silenciar a voz autoral que as criou. Considero este aspecto extremamente relevante, tendo em conta as implicações doutrinárias resultantes: se a voz autoral de Platão é silenciada pelas vozes das

personagens que criou, como é possível atribuir a Platão um determinado corpo de doutrinas (seja ele qual for)?

Mesmo de uma leitura superficial da obra pessoana resulta suficientemente claro que cada heterónimo carrega consigo uma cosmovisão própria; não apenas no que respeita a modelos formais de expressão, mas também (e sobretudo) ao modo como cada máscara pessoana concebe a estrutura da realidade. Vejamos, por exemplo, as concepções metafísicas completamente diferentes de dois dos principais heterónimos: o pastor neopagão Alberto Caeiro propõe a versão radicalmente cética, segundo a qual "há metafísica bastante em não pensar em nada"; o engenheiro futurista Álvaro de Campos diz, na *Tabacaria*, do alto do seu pessimismo nihilista, que "não há mais metafísica senão chocolates", reduzindo tais milenares querelas à simples banalidade do quotidiano vazio de sentido e de finalidade.

Qual será a versão que podemos atribuir ao autor Fernando Pessoa? Ou nenhuma das duas ou ambas ao mesmo tempo, visto que não dispomos de nenhum critério para escolher uma. A tendência natural seria procurar na obra assinada pelo próprio Pessoa (nesse caso, seria uma metafísica mística e esotérica, talvez de inspiração rosacruziana), mas essa estratégia estaria condenada ao fracasso. É que, a avaliar pela *Autopsicografia* (O poeta é um fingidor./ Finge tão completamente,/ que chega a fingir que é dor/ a dor que deveras sente) e pela famosa Carta a Adolfo Casais Monteiro (um *locus classicus* da teoria da heteronímia), também o ortónimo deverá ser considerado *apenas* mais uma máscara entre as outras dezenas.

A proposta *prosopográfica* de Pessoa é assaz radical, na medida em invalida (explicitamente) a leitura mais simplista das máscaras como desdobramentos ou facetas de um sujeito autoral independente; como se este, enquanto supra-instância subjectiva, tivesse na multiplicidade uma saída para a monotonia e solidão do eu autoral. Pelo contrário, o *rosto* original em que as máscaras são colocadas fica submerso e, por isso, silenciado. As criaturas engolem o criador. Há dois versos da *Tabacaria* (um dos arquitextos do *corpus*) que deixam isso bastante claro: "Quando quis tirar a máscara, / Estava pegada à cara." Assim sendo, como é possível isolar desta *confusão* (no sentido mais literal da palavra) de máscaras a voz do rosto subjacente; ou seja, qual é o critério para traçar as fronteiras entre aquilo que genuinamente pertence ao criador das personagens e aquilo que será 'derivação prosopográfica'?

Para terminar esta breve nota, deixo um breve excerto do ortónimo Pessoa, que, se me é permitido arriscar, constituirá um dos principais motores desta pesquisa:

Tendo-me habituado a não ter crenças nem opiniões, não fosse o meu sentimento estético enfraquecer, em breve acabei por não ter qualquer

personalidade, excepto uma personalidade expressiva, transformei-me numa mera máquina apta a exprimir estados de espírito, que se tornaram tão intensos que se converteram em personalidades, e que fizeram da minha própria alma a mera concha da sua aparência casual.²

² Martins, F. C. & Zenith, R. (2012), *Fernando Pessoa. Teoria da Heteronímia*, Assírio & Alvim, Porto, p. 183-184.